

A INENARRÁVEL HISTÓRIA DE SEVILHA

Livro
"As bombas"

naquela

COMECEI a contar a história de uma noite em Sevilha, com muita chuva. Um amigo me avisou: sua crônica não está de todo ruim, mas tem um defeito: chove demais. Pois saibam que não invento nem aumento nada: todos os jornais noticiaram as inundações de Sevilha neste outono de 1961, o mais chuvoso de que há memória em toda a Andaluzia; quatro quintas partes da cidade ficaram debaixo das águas, que formaram um largo rio na Avenida Queipó del Llano e uma torrente impetuosa na minha querida Rua Sierpes. Foi sorte não morrer ninguém, embora milhares de pessoas ficassem sem teto e a cidade algum tempo isolada do mundo.

Quando subi as escadas da "Bodega" e fiz uma circunavegação da cidade noturna espantei-me com a força das águas e tive a intuição de partir para Algeciras às 5 horas da madrugada. Escrevi "tive a intuição" e me lembrei de um amigo, coitado, já morto, ou melhor, desencarnado, pois era espiritualista. Estávamos juntos todo dia, e volta e meia esse bom homem previa alguma coisa, dizendo: "tenho uma intuição de que..." O curioso é que quase sempre acertava; era dessas pessoas que possuem antenas sutis; e o mais curioso é que não intui coisa alguma no dia azia-go em que fui encarregado pelo presidente da organização de lhe dar a triste notícia de que, por exigência do Governo Federal, ele ia ser pôsto no ôlho da rua, despedido sumariamente. Ficou abatidíssimo, talvez menos pelo golpe, que era cruel, que pela falta de intuição, que era de espantar. Só dois ou três dias mais tarde, já um pouco refeito do espanto e da dor, ele me disse ter a intuição de que aquilo ia abrir um caminho nôvo em sua vida.

estranho

Estava intuindo errado, o pobre: morreu pouco depois, de repente — e, embora a morte seja o caminho certo de toda a vida, acho que não era bem o que ele esperava, pois me adiantara: "vou mudar-me para o Noroeste", e afinal se mudou para o outro mundo. Quem já morou no Noroeste paulista e foi juiz de paz em uma cidadezinha de lá foi o cachoeirense Arizio Viana, que agora encontrei em Roma, ministro, meio calvo, e cuidando do enxoval da filha, que se vai casar com um grego; o que me faz lembrar o caso de um cônsul brasileiro do Japão, que me foi apresentado pelo Embaixador Mendes Viana, e estava noivo de uma grega, e sofria... Mas, santo Deus, eu não colonista social e sim cronista meteorológico.

ministro de Assuntos
Economicos
apresentado,
hoje na Fundação

Getulio Vargas

Como ia dizendo, saí de Sevilha debaixo de chuva, senti a madrugada empalidecer em Jerez de la Frontera — ay, ciudad de los gitanos! — e em estado de chuva saltei em Algeciras, e chovia compactamente em todo o estreito de Gibraltar, chovia do lado Mediterrâneo e chovia do lado Atlântico, e chovia fragorosamente em Tânger, e chovia...

Encurtarei dizendo que está chovendo até agora, e não creio que seja praticável contar história alguma debaixo de tanta chuva. Pena, porque quando aquela americana bêbada se ergueu, na boate de Sevilha, e avançou para o mágico alemão que acabara de engulir uma dúzia de lâminas gilete e lhe perguntou — do you speak english? — não, não é mesmo possível contar essa extraordinária história de Sevilha, pelo menos hoje. Não creio que a conte jamais, pois toda história tem vez de ser contada, e acho que essa perdeu a sua. Também, chovia demais.